



II CONCURSO LITERÁRIO VITA ALERE MEMÓRIA VIVA: HISTÓRIAS DE SOBREVIVENTES DE SUICÍDIO

CATEGORIA II: LUTO POR SUICÍDIO

2º. Lugar

NÃO HÁ NADA QUE UM SUICÍDIO NÃO RESOLVA

Autor: Roberto Maia Filho

Era com essa frase que eu costumava brincar e achava engraçado como ela chocava as pessoas, mesmo em tom de brincadeira. Até então eu não tinha tido nenhum contato próximo com o suicídio. O mais perto que tive, foi na minha adolescência, estudando do Colégio Salesiano, soubemos que o pai de um amigo da escola, tirou a sua vida. Isso há uns quarenta anos atrás era um assunto em que se sussurrava ao ser comentado. Eu lembro que ficamos ao redor dele, conversando outras coisas e ninguém comentava nada com ele.

Vamos pular alguns anos, e já na década de 1980, quando fazia enfermagem pela UFPE, tive informações sobre os serviços do CVV, Centro de Valorização da Vida e tive duas situações com eles. Num primeiro momento, liguei como usuário, mas não que tivesse com alguma ideação suicida, devia estar triste na época, não me recordo, mas lembro-me sim que a conversa foi bem agradável e que serviu para desabafar o que me entristecia naquele momento. Provavelmente tenha sido algum desgosto amoroso, ou alguma gaia como se fala atualmente. Depois dessa experiência com o atendimento do CVV, soube do recrutamento de voluntários, cheguei a ir no posto da Ilha do Leite, aqui em Recife-PE, mas naquela ocasião, não me senti a vontade para assumir a responsabilidade de me tornar um voluntário. Tinha a vontade mas não tive a firmeza em ter a disponibilidade de tempo, que o serviço do CVV requeria.

Então vamos saltar para o ano de 2007, onde eu já estava casado/separado/casado/separado/casado novamente, e com três filhos, meus maiores

tesouros e meu grande orgulho. Dois meninos do primeiro casamento e uma linda menina, com 14 anos, do segundo casamento, que morava com a sua mãe a algum tempo em São Paulo. Quando eu escuto a frase “A vida é uma caixinha de surpresa” me vem a mente aquela noite, a noite do dia em que a minha filha Jessica se suicidou. Eu estava já



deitado, e minha esposa se preparava para vir para cama e dormirmos. Seria o final de mais dia de semana qualquer, quando recebo um telefonema. Vejo o DDD 11 e já estimava que fosse notícias dela, pois não tinha falado com ela a alguns dias, mas ao atender uma voz desconhecida começou a conversar comigo, perguntando se eu era Roberto, o Pai da Jessica, o que eu respondi que sim e antes que eu pudesse perguntar qualquer coisa, ela me transmitiu a notícia de que ela, a minha filha Jessica, tinha tido um acidente e que infelizmente tinha falecido. Ela tinha se suicidado pulando de um viaduto, próximo a sua casa, e um caminhão a tinha atropelado, logo após a queda.

Até ai eu tenho uma lembrança nítida, mas o que aconteceu depois me é muito vago na memória, eu fiquei sentado na cama, quase catatônico, sem qualquer reação, não conseguia falar, gritar, chorar, até respirar era complicado. Marlete é que pegou o telefone e terminou a conversa com aquela pessoa e depois veio me ajudar. A partir dai foi uma sequencia de providências para comprar passagens em cima da hora e sem recursos, a contar com a grande ajuda de amigos. Só no avião é que a ficha começou a cair e só me vinha uma frase na cabeça, que era que eu precisaria “fazer o reconhecimento do corpo”, Eu chorava e implorava a Deus para que eu não passasse por aquilo e que chegando lá não foi preciso. Fizemos o sepultamento dela em Barueri ao qual nunca mais tive coragem de retornar. Eu queria esquecer que tudo aquilo tinha acontecido, eu não comentava e até fugia do assunto. Me doía muito a simples menção do nome Jessica Heloisa, como também da palavra Suicídio.

Sofri muito, chorei muito, me culpei, me desesperava e chegava até mesmo a brigar e culpar Deus, mesmo sabendo que era Ele que me confortava nas minhas crises solitárias, ano após ano.

Hoje em dia, 2018, onze anos depois que Jessica se foi, eu consigo escrever essas linhas sem problemas, mas até uns dois anos atrás, era uma tarefa impossível para mim, até que participei de um treinamento em PNL – Programação Neuro Linguística, e com isso consegui resolver muita coisa dentro da minha cabeça, ficando em paz com ela, com Deus e comigo mesmo.

E como também se diz, que o mundo gira, e foi numa destas viradas que me toquei da existência do CVV e aquela vontade que eu tive em ajudar, nos idos de 1980, me vieram novamente a mente. Procurei por informações e dei sorte de ter um curso



INSTITUTO
VITA ALERE
DE PREVENÇÃO E POSVENÇÃO DO SUICÍDIO

Preparatório e de seleção para novos voluntários. Achei que seria relativamente fácil, mas no decorrer das aulas é que vi o quanto que a instituição prima pelo programa de Prevenção ao Suicídio. Concluí o curso, os estágios e hoje me dedico a 5 horas por semana em dar apoio emocional a quem precisa e nos procura através do telefone, pelo número 188, como forma eficaz de prevenir o Suicídio.

Hoje eu olho para trás e faço uma ressignificação da frase que outrora usava para brincar, que hoje é um dos principais temas e objetivos da minha vida...

Não há nada que um suicídio resolva



INSTITUTO
VITA ALERE
DE PREVENÇÃO E POSVENÇÃO DO SUICÍDIO
www.vitaalere.com.br